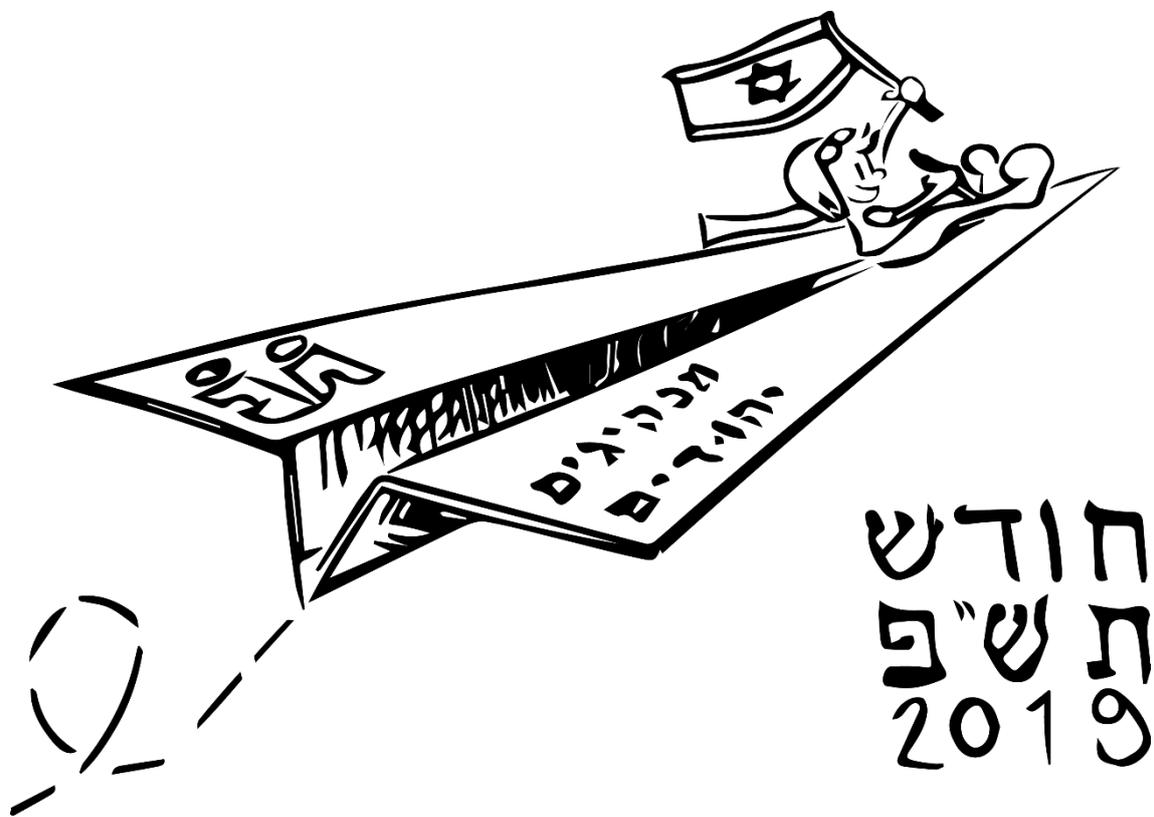


CHODESH 2019
CHOVERET CHAVE GUIMEL



Introdução

Queridos chanichim,

Em nome da Vaada Chodesh, da Chinuch e dos Chuguim damos as boas vindas à essa incrível Choveret! Estamos muito felizes com o resultado do nosso trabalho, que envolveu pesquisas, discussões e muita dedicação. Acreditamos que esse tipo de material tem um grande potencial educativo, mesmo que abordado de uma maneira que não estamos muito acostumados na Chazit. Aproveitem essa apostila da melhor forma! Conversem com a sua kvutzá, tirem dúvidas com os madrichim, reflitam com as suas famílias! Além de tudo isso, vale lembrar que a apostila serve para ajudá-los na confecção das atividades do Chodesh e as perguntas do Chidon serão baseadas nesse material!

Por fim, também queremos contar um pouco sobre o tema geral do Chodesh: **Manhiguim Yehudim**. O tema passa por alguns aspectos que enxergamos como relevantes no judaísmo da Chazit. Primeiramente, destacamos o papel desses líderes no meio em que viveram e buscamos onde em suas vidas os valores judaicos se relacionam com os dilemas que elas enfrentaram. Desse modo podemos aproximar-nos do judaísmo, já que estudaremos exemplos reais de como isso influenciou o curso da história judaica e não judaica.

Também escolhemos tratar de pessoas: Seres humanos que possuem suas qualidades, defeitos, decisões, etc. Isso nos ajuda a expor que todos nós estamos sujeitos a errar e acertar. Acima de tudo, queremos mostrar que podemos realmente colocar nossos sonhos em prática.

Por fim, queremos transmitir para nossos chanichim que existem diversos tipos de líderes e de lideranças ao longo da história, e que dentro de cada um de nós existe esse potencial. Nosso objetivo é mostrar que a Chazit é justamente o espaço para que vocês se encontrem e se desenvolvam enquanto lideranças, junto com suas kvutzot e com a Tnua como um todo.

Bons Estudos!

Chazak Vê' Ale



BRANCA DIAS

“Eis, portanto, minha identidade nebulosa: era um judeu não-judeu e um não-judeu judeu. Pertencia a quem eu não pertencia e não pertencia a quem eu pertencia.” Morin, Edgar



“Ainda que todas as nações que se encontram na esfera do domínio do rei lhe obedeam, abandonando cada uma o culto dos seus antepassados e conformando-se às ordens reais, eu, meus filhos e meus irmãos continuaremos a seguir a Aliança dos nossos pais. Deus nos livre de abandonar a Lei e as tradições. Não daremos ouvido às palavras do rei, desviando-nos de nosso culto para a direita ou para a esquerda” - Livro de Macabim

Contexto Histórico

A Inquisição Espanhola ou **Tribunal do Santo Ofício** foi fundada em 1478 por Fernando II de Aragão e Isabel de Castela para manter a ortodoxia católica em seus reinos, onde atualmente se localiza a Espanha. Essa instituição atuou de 1478 até 1834. O objetivo de Fernando com a Inquisição não era usar a religião como meio de controlar o seu povo, mas sim eliminar as religiões judaica e muçulmana de seus domínios. Muitos historiadores crêem que a Inquisição foi o método usado por Fernando para enfraquecer os seus opositores principais no reino, visto que muitos judeus ocupavam postos de importância, tanto religiosos como políticos.

Com o início da perseguição aos judeus, muitos acabaram fugindo para Portugal, reino vizinho.

Já em 5 de dezembro de 1496, por consequência de uma cláusula presente em seu contrato de casamento com a princesa Isabel de Espanha, D. Manuel I assinou uma

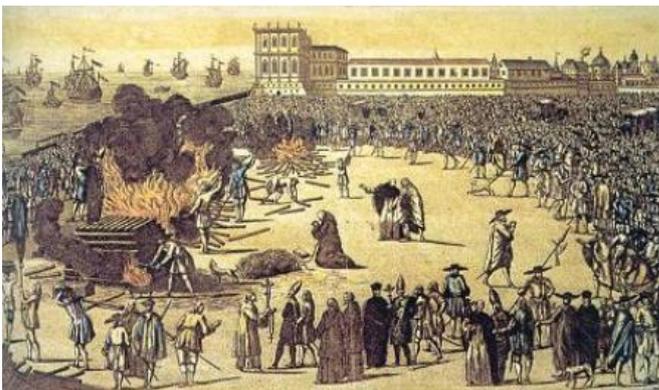
ordem que obrigou todos os judeus a escolher entre deixar Portugal ou se converter. Contudo, o número de conversões voluntárias foi bem menor que o esperado. Em outubro de 1497, os judeus que não conseguiram fugir acabaram sendo convertidos a força, e passaram a ser conhecidos por **cristãos novos**.

Em 1531, ocorreu um terremoto de grandes proporções em Portugal, e a causa foi atribuída aos cristãos novos que ainda mantinham as tradições judaicas. Com isso, em 1536, durante o reinado de D. João III, o Tribunal do Santo Ofício foi fundado em Portugal com o apoio do Papa Paulo III. A Inquisição Portuguesa cobriu todos os territórios do Império ultramarino português.

O primeiro Auto de Fé¹ da história do Santo Ofício português aconteceu em Lisboa, em 26 de Setembro de 1540, posteriormente ocorrem outros Autos de Fé, incluindo no Brasil.



Tribunal do Santo Ofício



Fogueira para queimar hereges em praça pública

Brasil

¹ Os Autos de Fé foram rituais nos quais os hereges (não cristãos) eram questionados se queriam se converter ou manter sua religião. Mesmo optando por converter-se e dizendo-se arrependido não era garantido que essas pessoas seriam salvas. A maioria dos acusados nos Autos de Fé eram condenados à fogueira.

Inicialmente, as colônias brasileiras serviram como refúgio para os perseguidos pela Inquisição. Entretanto, a partir da divisão do território em capitanias hereditárias em 1534 a imigração voluntária se intensificou, fortalecendo a atividade inquisitorial no território brasileiro.

A atuação da Inquisição no Brasil teve início tardiamente. Em um primeiro momento, funcionou por meio de visitas de inquisidores, mas posteriormente a ação da Inquisição passou a se apoiar cada vez mais nos agentes locais, cujas denúncias eram enviadas para o tribunal de Lisboa. Lá, essas denúncias eram analisadas por parte dos inquisidores e retornadas com o eventual mandado de prisão.

História de Branca Dias

No judaísmo tradicional, as mulheres limitavam-se a ocupar posições inferiores aos homens, como locais secundários no culto e papéis públicos limitados, recebendo apenas uma educação mínima, a ponto de se crer que era melhor queimar as sagradas palavras da Torá do que transmiti-las e ensiná-las às mulheres.

A proibição do judaísmo no Mundo Português e a nova importância dada à educação no lar, porém, levariam a uma transformação destes papéis. O judaísmo acabou se tornando uma espécie de "religião domiciliar", já que sua divulgação pública poderia causar sérias consequências. Nessa época era bastante comum a transmissão oral dos ensinamentos devido às dificuldades e perigos de se possuir os textos hebraicos. Funções que antes eram exclusivas dos homens passariam à responsabilidade do sexo feminino.

Por razões óbvias, as residências passariam a ocupar importância estratégica: seriam os lares locais de propagação do judaísmo vivo, através da memória ensinada e das práticas religiosas e cerimoniais. Impedida a existência da escola judaica, explica Lina Gorenstein, "a cultura doméstica continuou, em parte, com aquelas práticas e celebrações de 'portas a dentro'", embora essas práticas sofressem certo esvaziamento e modificações conforme necessidade e afastamento do período de judaísmo permitido.

Como não havia rabinos e as fontes judaicas eram proibidas, as tradições começaram a se perder e se tornar rasas. Impedidos de ler seus livros como a Torá, muitos judeus e judias utilizavam a Bíblia católica como solução, removendo os textos do Novo Testamento, além das tentativas de transmitir os ensinamentos de maneira oral.

Impedidos de denunciar suas preferências de crenças, e procurando driblar as desconfianças da sociedade, os criptojudéus² viam-se obrigados a abandonar certas

² Criptojudéus são judeus que praticavam sua fé e seus costumes em segredo, com medo do antissemitismo. Branca Dias é um exemplo disso.

cerimônias marcantes em favor de práticas menos conhecidas ou que acabem mostrando sua real identidade: substituíram-se assim, o Brit Milá por rezas em casa, a celebração dos chagim (como Rosh Hashaná ou Shavuot) pelos jejuns.

Com o mesmo intuito, celebrações que no judaísmo tradicional ocupavam posição de menor destaque passavam, por serem menos acusadoras, a tema central da resistência marrana³, como foi o caso do "Jejum de Ester", já que na história de Purim Ester também esconde sua verdadeira religião do rei Achashverosh. O judaísmo de "portas a dentro" se mostrou, nos menores detalhes, influenciado pela figura da mulher.

Anita Novinsky assim define o novo quadro da resistência judaica: "(...) proibida a sinagoga, a escola, o estudo, sem autoridades religiosas, sem mestres, sem livros, o peso da casa foi grande. A casa foi o lugar do culto, a casa tornou-se o próprio Templo. No Brasil Colonial, como em Portugal, somente em casa os homens podiam ser judeus. Eram cristãos para o mundo e judeus em casa. Isso teria sido impossível sem a participação da mulher."

Dentre aquelas mais insistentemente acusadas ao Santo Ofício como praticante do judaísmo, a causarem escândalo nas duas principais capitâneas coloniais à época da primeira visitaçã, destacam-se os nomes das cristãs-novas Branca Dias, em Pernambuco, e Ana Rodrigues, na Bahia, exemplos definitivos do "rabinato feminino" exercido na colônia, não só pelo alto número de acusações de que foram vítimas, mas pela riqueza de detalhes sobre as práticas de judaísmo que mantinham em seu cotidiano. Verdadeiras matriarcas do criptojudaísmo brasílico, as duas senhoras teriam suas vidas vasculhadas e detalhes de seus comportamentos revelados com insistência ao visitador.

Ainda em Portugal, Branca Dias foi denunciada pela mãe e pela irmã ao Tribunal do Santo Ofício, onde ficou presa por um período. Ao mesmo tempo, seu marido, Diogo Fernandes, veio ao Brasil em 1552 para ser senhor de engenho, sendo a primeira pessoa de origem judaica a assumir este posto.

No entanto, quando Branca Dias é liberada da prisão e consegue chegar ao Brasil junto aos seus 7 filhos, descobre que seu marido se casou novamente e formou uma nova família. Logo, passam a viver todos juntos: Diogo Fernandes, sua nova esposa, Branca Dias e todos os filhos. Inclusive, durante esse período teve mais 4 filhos com marido.

Quando Diogo Fernandes morreu, Branca Dias se tornou responsável pela casa. Para sustentar a todos, começou a dar aulas para mulheres, ensinando as práticas

³ Marranos são descendentes dos judeus sefardim portugueses e espanhóis que foram obrigados a abandonar sua religião e a converterem-se ao cristianismo, contra a sua vontade, para escapar das perseguições movidas pela Inquisição.

domésticas. Em um período que a educação era voltada apenas para homens, Branca foi a primeira a dar esta oportunidade para mulheres.

As aulas de Branca ensinavam práticas da vida doméstica, mas com um detalhe: as práticas que ela ensinava envolviam hábitos como: limpar melhor a casa e fazer jantares especiais às sextas-feiras, descansar e usar roupas novas no sábado. Todas essas práticas mostravam uma forte ligação com sua identidade judaica. Inclusive na sua casa havia uma grande banheira para banhos especiais, que muitos consideram que poderia ter sido utilizada como mikve.



Casa de Branca Dias em Pernambuco

Era exemplo típico de criptojudaísmo. Corria a fama de que o casal possuía uma sinagoga em seu engenho, a famosa "esnoga de Camaragibe", uma das mais denunciadas durante a visita de Heitor Furtado, frequentada por boa parte dos acusados de práticas judaicas em Pernambuco, entre eles, alguns dos principais da capitania.

A sinagoga de Camaragibe era, dentre as citadas na documentação da primeira visita inquisitorial, a que mantinha seus trabalhos por mais tempo: certas denúncias davam conta de suas atividades há mais de quarenta anos. A sinagoga foi construída nas terras pertencentes ao casal Diogo Fernandes e Branca Dias. Em Camaragibe, era fama pública que existiam judeus e se adorava a touro (metáfora bastante usada para dizer que se seguia a lei judaica).

Felipe Cavalcanti, um dos indivíduos que realizou denúncias contra Branca Dias ao Heitor Furtado, afirmou que a os criptojudes se reuniam na sinagoga, que ficava cerca de 10 quilómetro de distância da vila, onde realizavam suas cerimônias em datas de celebração judaica. Nos dias de reuniões e festas, os judeus eram convocados de forma sigilosa: o cristão-novo Tomás Lopes, alfaiate aposentado, usava um código previamente combinado para chamar todo, desfilava pelas principais ruas de Olinda

com um pano branco amarrado a um pé descalço. Essa técnica era denominada "campainha dos judeus".

De acordo com Elias Lipiner: "(...) a localização preferencial das sinagogas nos engenhos, se deve ao fato de que nos começos da colonização cabia aos engenhos, além de função própria de empresa particular agrícola, também a função religiosa, e especialmente a militar, destinada a torná-los baluartes armados para defender-se dos ataques dos índios ou outros inimigos."

O prestígio e a proteção aos senhores de engenho era um fator importante para os cristãos novos que tinham esse cargo, se aproveitando dessa posição para através de sua hegemonia continuar com suas práticas judaicas sem serem perturbados, podendo construir sinagogas e realizar cultos. Isso exemplifica muito bem o sincretismo religioso e a convivência latente entre a crença católica e os resquícios de judaísmo.

Branca Dias, apesar das evidências, se esforçava no estereótipo de boa cristã, casando as filhas com cristãos respeitados, aproveitando a situação colonial que buscava o embranquecimento da sociedade. Branca almejava uma melhoria social e a diminuição das pressões públicas sobre a fé na judaica. Além de Branca, de sua família saíam quatro gerações de indivíduos aprisionados e julgados pelo Santo Ofício: sua mãe (Violante Dias), sua irmã (Isabel) suas filhas (Brites Fernandes e Andressa Jorge) e seus netos (Leonardo Pereira, Jorge de Souza, Maria de Souza, Ana de Arruda e Catarina Favela).

Quando o inquisidor chegou a Pernambuco, Branca já era falecida, o que não a impediria de estar no topo da lista das mais denunciadas. Algumas de suas antigas aprendizes e conhecidas de longa data lembraram o estranho comportamento e costumes judaicos da professora de boas maneiras, mesmo sendo fatos ocorridos há mais de trinta anos. Joana Fernandes foi uma de suas colegas que realizou essa denúncia: "Branca Dias aos sábados, sempre estava em casa e não realizava nenhuma atividade física. Além disso, pela manhã se vestia com roupas limpas e bonitas e colocava uma touca, colocando nos seus filhos e filhas as melhores vestimentas do guarda roupa. Nas sextas-feiras à tarde, mandava lavar e esfregar o sobrado e, aos sábados, jantava mais cedo que nos outros dias, acendendo velas e comendo alimentos diferentes do tradicional.

A restrita privacidade existente no ambiente colonial se encarregava de divulgar o que ocorria entre as paredes do sobrado dos Fernandes: ouvidos e olhos estavam sempre atentos para saber novidades da vida privada, tornada pública a todo instante. Antiga vizinha de Branca Dias, Beatriz Luis mostrou em seu depoimento que Branca tinha em sua casa diversos símbolos que representavam o judaísmo. Contou ao inquisidor ter ouvido do neto de Branca Dias que sua avó tinha debaixo do chão uns objetos estranhos.

Outras ex-alunas procuraram o inquisidor para relatar o que presenciaram. Maria Álvares, ressaltou o descaso com a religião cristã realizado por Branca: durante uma aula, a aluna conta que Branca Dias jogou a cruz de uma das meninas no chão recitando mensagens depreciadoras.

Ana Lins, que por três anos fora "doutrinada e ensinada a cozer e a lavar" afirmava que, aos domingos, nas missas, Branca Dias se recusava a realizar alguns rituais e criticava certas ações.

Há diversas teorias sobre como e onde ela morreu, mas a versão mais aceita é que Branca dias faleceu de causas naturais em Pernambuco. Existem relatos de que em Portugal queimaram bonecos representando ela e seu marido.



Representante da resistência judaica, Branca Dias, foi talvez o ícone máximo do criptojudaísmo brasileiro no século XVI. Como ela, outras mulheres viveriam ambigualmente, divididas entre o catolicismo que repudiavam e o hebraísmo que lhes era vedado, praticando ora um, ora outro, de acordo com o local e as conveniências, desconhecendo ambos. Mártir da religião proibida, assim como a rainha Ester, a quem dirigia suas súplicas por dias melhores. Sofria pressões, ofensas, calúnias e discriminações por lutar pelo resgate e continuidade da identidade de seu povo. Não seria vencida, contudo, nem pelo Santo Ofício nem pela segregação social que a perseguia, ensinando a tradição de Israel aos filhos e contribuindo para manter vivos os ideais da religião que abraçava.

Branca Dias, vem da região de Portugal, sendo assim, a única personalidade Sefaradi do Chodesh. (judeus provenientes da península ibérica e do norte africano).

“Educar para pertencer”

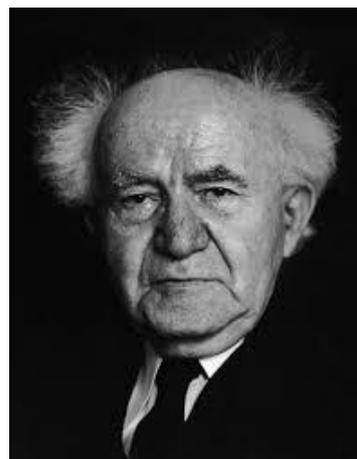
Neurim 2019.

DAVID BEN GURION

David Ben Gurion teve uma participação ativa para a formação do Estado de Israel em todos os âmbitos: político, militar, econômico e social. Trabalhou não só para que o sonho do Estado Judeu se concretizasse, mas também para o posterior progresso e desenvolvimento do país.

Compreender a trajetória de Ben Gurion nos permite entender a criação do Estado de Israel e acontecimentos marcantes da história do país.

Nessa parte da apostila, vocês encontrarão um breve resumo da vida desse grande líder (sua história, cargos e contribuições), além de explicações mais aprofundadas. Vocês também verão reflexões acerca de algumas questões fundamentais do Estado de Israel, tanto em sua história quanto atualmente. Essas reflexões estão em **negrito** e serão discutidas mais adiante.



HISTÓRIA, CARGOS E PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES

Infância e adolescência:

- Nasceu em Plonsk, na Polônia, em 1886;
- Educado em uma escola judaica criada por seu pai, já sionista;
- Fundou o movimento juvenil sionista Ezra, cujos membros falavam apenas hebraico entre si;
- Foi professor na Escola Judaica de Varsóvia;
- Liderou o movimento juvenil sionista-socialista “Poalei Tzion” (trabalhadores de Sion).



Chegando em Israel, com 20 anos (1906), participa de:

- Criação da primeira comunidade socialista de agricultores (Kibutz);
- Estabelecimento de um grupo de autodefesa judaico chamado “Hashomer”.



Grupo Hashomer, em 1909

Na primeira guerra mundial:

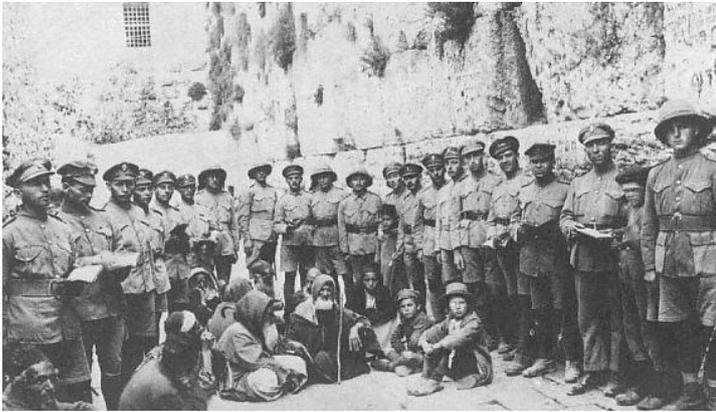
- É deportado pelas autoridades do Império Otomano;
- Fortaleceu em Nova York o **movimento sionista socialista**. Ali conheceu a jovem Paula Monbesz, com quem se casou.

Retorno para Israel...

- Organizou a Haganá como força de combate;
- Secretário-geral da federação nacional dos sindicatos de trabalhadores, a “Histadrut”;
- Presidente da Organização Sionista Mundial;
- Presidente da Agência Judaica;
- Transformou o movimento juvenil Poalei Tzion em partido, conhecido desde 1930 como MAPAI, Mifleghet Poalei Eretz Israel (Partido dos Trabalhadores da Terra de Israel).

Na segunda guerra mundial:

- Encorajou milhares de jovens da comunidade judaica da Palestina a se engajarem no exército inglês na luta contra o nazismo, participando da “Legião Judaica”, criada como uma unidade no exército britânico pelo líder sionista Wladimir Jabotinsky;



A Legião Judaica - 1917

- Após a guerra, passou a combater o poder mandatário britânico, trazendo levas de imigrantes ilegais para a futura nação.

Independência do Estado de Israel

- Teve influência para a aprovação da Resolução 181 (presidida pelo brasileiro Osvaldo Aranha), que estabelecia a partilha da Palestina. Dos 56 países membros que se encontravam presentes, 33 votaram a favor (incluindo o Brasil), 13 contra e 10 se abstiveram;
- Criou o **acordo status-quo**;
- Declarou a **Independência do Estado de Israel** em 14 de maio de 1948, em Tel-Aviv.

Primeiro mandato (1948-1953)

- Primeiro primeiro-ministro;
- Ministro da defesa;
- Liderou o país na **Guerra de Independência**;
- **Projetos Nacionais para desenvolvimento do país e da população**;
- **Caso do navio Altalena**;
- **“Indenizações” da Shoá**;
- Retirou-se do governo e foi morar no kibutz Sde Boker no deserto do Neguev. Ele voltou a vida política após as eleições do Knesset (parlamento) em 1955, após o governo de Moshe Sharett.

- Navio Altalena bombardeado na costa de Tel-Aviv, 1948

Segundo mandato (1955-1963)

- Primeiro-ministro;
- Ministro da defesa;
- Estabeleceu relações diplomáticas com a Alemanha Ocidental, apesar de ferrenha oposição;
- Liderou o país na **Guerra do Sinai**;
- Em junho de 1963 renunciou como Primeiro-ministro, citando motivos pessoais. Levi Eshkol entrou em seu lugar, como primeiro-ministro e ministro da defesa. Entretanto, Ben-Gurion permaneceu ativo politicamente.

Final da vida em Sde Boker

- Em junho de 1970, Ben Gurion retirou-se da vida política e voltou ao kibutz Sde Boker, **no Neguev**, onde morreu em 1973.



Ben Gurion em Sde Boker, 1953

TEMAS MAIS APROFUNDADOS

SIONISMO SOCIALISTA

Os principais teóricos do sionismo socialista são Nachman Syrkin, Dov Ber Borochoy e Aaron David Gordon, e entre os destaques do movimento temos David Ben-Gurion e Berl Katznelson.

Por volta de 1900, o principal rival para o sionismo entre os jovens judeus na Europa Oriental foi o movimento socialista. Muitos judeus foram abandonando o judaísmo em prol do comunismo e do Bundismo⁴. Neste contexto, um grupo de judeus aliou as ideias sionista e socialista e foi criado o Sionismo Socialista.

Muitos sionistas socialistas eram originários da Rússia. Entendiam que ao longo dos séculos os judeus haviam se convertido em uma minoria explorada – social, econômica e culturalmente – e perseguida pelo antissemitismo, uma minoria que carecia das bases materiais para sustentar sua própria emancipação. Acreditavam que os judeus podiam escapar de sua situação convertendo-se em agricultores, trabalhadores e soldados de seu próprio Estado. A maioria dos sionistas socialistas se recusaram a perpetuar a religião, a qual viam como parte da "mentalidade da diáspora" entre o povo judeu, e estabeleceram as comunas rurais em Israel, os "kibutzim".

A maioria dos sionistas socialistas consideraram o yiddish como a língua do exílio, adotando o hebraico como língua comum entre os judeus em Israel. O socialismo e o Sionismo Trabalhista eram ardentemente secularistas, contando com muitos sionistas ateus que se opunham à religião. Em consequência disso, o movimento frequentemente teve uma relação antagônica com o judaísmo ortodoxo.

O sionismo socialista buscava estabelecer um Estado Judeu no qual considerasse o judaísmo como uma nacionalidade, e que as bases do Estado estivessem identificadas com o socialismo, ou seja, o trabalho comunal. O Sionismo Socialista se converteu na força dominante na vida política e econômica do Yishuv⁵ durante o Mandato Britânico - em parte como consequência de seu papel na organização da vida econômica judaica através da Histadrut - e foi a ideologia dominante da classe política em Israel até as eleições de 1977, quando o partido Avodá foi derrotado.

Fundamental na expansão do Sionismo Socialista foi o trabalho dos movimentos juvenis na diáspora, que educaram a juventude judaica nos valores do movimento, capacitando-os também para sua futura vida em kibutzim em Israel. Algumas destas tnuot, como Hashomer Hatzair, Habonim Dror e HeChalutz LaMerchav, mantêm sua relevância na vida judaica da diáspora até os dias de hoje.

STATUS QUO - 1947

O Estado de Israel é um dos únicos países do mundo que não é regido por uma Constituição formal. Isso é explicado porque não existe consenso entre questões quanto à relação Estado e religião. Em 19 de junho de 1947, cria-se, então, o Acordo de Status

⁴ Movimento político de operários judeus do Leste europeu baseado nos princípios socialistas e idichistas. A maioria do movimento era contra as ideias sionistas, uma vez que acreditava em uma união de trabalhadores nos países em que os judeus residiam.

⁵ Termo usado para denominar a organização judaica na Palestina antes da Independência do Estado de Israel

Quo, que rege essas questões não esclarecidas de maneira mais geral para que não existam grandes conflitos - apesar de boa parte da população não estar de acordo.

O que é?

Antes mesmo da Partilha da Palestina, Ben-Gurion e o partido charedi Agudat Israel (ortodoxo) firmaram um acordo denominado *status quo* secular-religioso. Os religiosos reconheceram o caráter laico do Estado, mas negociaram a permanência de determinadas “questões vitais” para que a Terra de Israel continuasse sendo sagrada.

Quais foram as exigências dos ortodoxos?

Foram cinco as exigências dos charedim, que nesta época representavam cerca de 1% da população judaica: controle sobre o Shabat, Kashrut (leis alimentares), Leis familiares, Educação pública judaica e sobre a Definição de quem é judeu.

Qual foi a resposta de Ben Gurion?

Ben-Gurion concordou com todas, mas interviu nas duas últimas: a educação pública seria dividida em categorias (laica, ortodoxa e ultra-ortodoxa); o critério “quem é judeu” seria definido pela a halachá (lei religiosa, que afirma que judeu é quem é filho de mãe judia ou convertido à religião judaica), mas a imigração para o Estado de Israel obedeceria a outra regra: filhos, netos e cônjuges de judeus teriam direito à cidadania, como estabelecido na Lei do Retorno.

No que o status-quo implica?

- A. **SHABAT:** O sábado, além das grandes festividades (Rosh HaShana, Yom Kipur e Simchá Torá) e festas de peregrinação Pessach, Shavuot e Sucot foram definidos como dias de descanso. Em 1967 foi dado às administrações municipais o poder de regular a abertura de determinados estabelecimentos nestas datas. Ainda assim, os judeus estão proibidos de trabalhar, estando as instituições sujeitas a multas.
- B. **KASHRUT:** Ponto bastante controverso, o status legal da Kashrut já foi modificado em algumas ocasiões. Atualmente as leis alimentícias se expressam da seguinte forma: sem o certificado do Ministério de Assuntos Religiosos é proibido declarar um estabelecimento Kasher; em Pessach são multados os estabelecimentos que expuserem fermento; as cozinhas e refeitórios das bases militares do Exército de Defesa de Israel (IDF), tais quais as porções recebidas pelos militares, devem ser 100% Kasher e fiscalizada por um rabino oficial da instituição.
- C. **LEIS FAMILIARES:** Em 1951 foi estabelecido o Ministério de Assuntos Religiosos, que, entre outras funções, cobre 40% do déficit nos orçamentos aprovados para

auxílio a instituições e políticas públicas religiosas. Há também as Cortes Rabínicas, que detêm a exclusividade da legislação sobre matrimônios, enterros e outros “assuntos pessoais”. Leis comerciais podem ser julgadas por cortes rabínicas, caso todos os envolvidos assim desejem. Israel, também, tem dois Rabinos-Chefes com mandatos de dez anos: um ashkenazi e um sefaradi.

- D. **EDUCAÇÃO:** Os ensino fundamental e médio, em Israel, são divididos em quatro tipos de escola: judia laica, judia ortodoxa, judia ultra-ortodoxa e árabe. Nas três primeiras o ensino de história judaica e Tanach (Bíblia) são obrigatórios. Nos segundo e terceiro tipos, fica a critério de cada escola decidir se haverá o ensino de disciplinas extras como Talmud, além de determinar se os alunos homens e mulheres serão separados ou não. As disciplinas básicas, como matemática, geografia, hebraico, ciências, inglês e etc. são obrigatórias para todos.

DEFINIÇÃO DE QUEM É JUDEU: É considerado judeu pelo Estado de Israel quem é filho de mãe judia ou convertido segundo as normas ortodoxas ao judaísmo. O curioso é que, convertidos ao judaísmo por sinagogas não ortodoxas (das correntes reformista ou conservadora) podem adquirir cidadania israelense através da Lei do Retorno*, mas ao chegar em Israel não são considerados judeus.

Algumas destas normas sofreram alterações desde 1947, porém a essência do *status-quo* permanece a mesma. Alterações progressistas ocorreram, como o reconhecimento do casamento civil realizado no exterior ou a permissão do comércio da carne não Kasher. Outras leis aprovadas direcionaram o Estado a um caminho ortodoxo, como a liberação do exército de estudantes de yeshivot, ou a proibição de mulheres portarem objetos religiosos no Muro das Lamentações, contestada por judeus liberais.

*LEI DO RETORNO

A Lei do Retorno estabelece que todo judeu tem o direito de ir para Israel como um Oleh (imigrante). Podem obter cidadania israelense não só filhos de mães judias ou convertidos pela linha ortodoxa, mas também “um filho e um neto de um Judeu, ao cônjuge de um Judeu, ao cônjuge de um filho de um Judeu e ao cônjuge de um neto de um Judeu, com exceção de uma pessoa que tenha sido um Judeu e que voluntariamente mudou sua religião”.

#PARA REFLETIR...

- Pensem nas duas diferentes definições usadas para definir “quem é judeu” (pela Halachá e pela Lei do Retorno). Quais as possíveis dificuldades enfrentadas por alguém que conseguiu imigrar para Israel como cidadão mas não é considerado judeu para o Estado?

- Um convertido ao judaísmo por reformistas têm o direito de se casar em Israel? Pode ser enterrado em um cemitério judaico?
- Apesar de a Declaração de Independência do Estado (1948) optar por não definir absolutamente nada sobre o caráter judaico do Estado, ainda há uma discussão de grande relevância sobre o tema. Israel é um Estado judaico, mas é um Estado para todos os judeus? De que judaísmo estamos falando?
- “A criação do Estado necessita de uma aprovação da ONU, o que não será possível se não for garantida a liberdade de consciência a todos os seus cidadãos, e se não estiver claro que não há nenhuma intenção em estabelecer um Estado teocrático. No Estado judeu haverá também cidadãos não judeus – muçulmanos, cristãos –, e temos a clara necessidade de garantir antecipadamente a igualdade e plenos direitos a todos os nossos cidadãos, sem nenhuma coerção ou discriminação em matéria de religião ou qualquer outro assunto.” – TRECHO DA CARTA ENVIADA POR BEN GURION AOS CHAREDIM. A realidade condiz com o escrito?

DECLARAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA – 14 de maio de 1948

No dia 13 de maio de 1948, véspera da data marcada, a liderança sionista foi notificada de que os Estados Unidos, mais precisamente o secretário de estado, general George Marshall, opunham-se à Independência, com medo das consequências que tal ação unilateral poderia causar em todo o Oriente Médio. Parte considerável dos líderes sionistas também se opunha à Independência imediata com base em previsões de derrota. Entretanto, mesmo ciente de que o novo país sofreria um forte e imprevisível ataque armado por parte dos países árabes, Ben Gurion sabia que, se aquela oportunidade fosse perdida, era impossível dizer quando haveria outra, se é que haveria.

Na manhã do dia 14 (5 de Iyar de 5708), os membros do futuro gabinete ainda discutiam os termos da declaração de Independência. Uns queriam que o texto fizesse menção às fronteiras, tais como definidas pela partilha. Ben-Gurion se opôs: a declaração norte-americana não falava em fronteiras. Na verdade, ele pressentia que estas poderiam vir a ser alteradas em função das batalhas, tal como aconteceu após a celebração do armistício, em Rodes. Os ortodoxos insistiam na inserção do termo "D'us, Todo Poderoso". Os seculares rejeitavam. Prevaleceu a opinião de Ben Gurion: constaria o termo Rocha de Israel (*Tsur Israel*), equivalente a D'us. E o nome do país? Uns disseram Judéia, outros Sion. Mais uma vez, Ben Gurion bateu o martelo: Israel.



A cerimônia estava marcada para às 16:00. Enquanto o texto era polido, um artista plástico, Otto Wallisch, percorria a cidade em

busca de adereços que enfeitassem o salão do Museu de Tel Aviv, onde seria realizada a cerimônia oficial. Depois de muita procura, acabou encontrando um retrato de Theodor Herzl, cujo tamanho insatisfatório foi aumentado com uma larga moldura. Achou duas bandeiras com as estrelas de David, mas estavam tão sujas que tiveram que passar por uma lavanderia rápida antes de serem levadas para o museu. Ben Gurion tinha corrido até sua casa na rua Keren Kayemet, número 5, para trocar de roupa. O texto final lhe seria entregue na entrada do salão. Seu assistente direto, Zeev Sharef, providenciou transportes para os líderes e ele mesmo acabou ficando a pé. Na rua não havia nem um táxi sequer. Pediu ajuda a um policial, pedindo ao motorista que o levasse. O homem respondeu: "Não posso. Estou indo para casa. Quero ouvir pelo rádio a declaração da Independência". Zeev disse: "Se você não me levar, não haverá declaração a ser ouvida". Ele chegou ao museu quando faltava exatamente um minuto para as quatro horas e entregou a declaração a Ben-Gurion. 14 de maio - É declarada a Independência do Estado de Israel e Ben Gurion é escolhido como Chefe de Estado provisório.

GUERRA DE INDEPENDÊNCIA – 1948 a 1949

No mesmo dia, exércitos da Jordânia, do Iraque, do Egito, da Síria e do Líbano invadem o país. Essa guerra ficou conhecida como "Guerra da Independência" e perdurou até julho de 1949, quando foi assinado um cessar fogo entre as frentes envolvidas.

As consequências desta guerra são importante para entendermos o conflito nos dias de hoje, já que entre elas temos a supremacia dos países árabes perante Jerusalém e a questão dos refugiados pelo aumento de 650 a 900 mil do número de árabes-palestinos que tiveram que deixar suas casas. Essas pessoas que foram afetadas brutalmente pela guerra a chamam de Nakba (do árabe, catástrofe).



#PARA REFLETIR...

- Como foi a resposta do mundo à declaração de Independência do Estado de Israel? E de seus vizinhos?
- O que o Iom Nakba? O que os refugiados pedem?
- Caso os seus pedidos fossem atendidos, o que aconteceria com a maioria judaica?
- Se a maioria deixasse de ser judaica em um estado democrático, seria possível manter o caráter judaico?

PROJETOS NACIONAIS PARA DESENVOLVIMENTO DO PAÍS E DA POPULAÇÃO

- Encabeçou uma política governamental denominada Melting Pot (כור היתוך), Kur Hituch):



Eram esperados intensos movimentos imigratórios para Israel neste período, levando à constituição de uma população bastante heterogênea no país. A ideia seria a de formar o “novo judeu”, o “*sabra*”, um estereótipo de cidadão comum, que seria o componente base e padrão da sociedade israelense em formação. O exército foi uma das ferramentas chaves para conseguir unificar a sociedade israelense, assim como um facilitador para os olim chadashim na sua inserção na nova sociedade; por isso é comumente chamado de Tzavá Am (Exército do Povo).

- “Operação Tapete Mágico”: transporte aéreo de judeus de países árabes até o recém formado Estado de Israel;
- Projeto pioneiro de colonização de áreas inabitadas, especialmente no Neguev.

CASO ALTALENA – 1949

Uma das primeiras decisões de Ben Gurion foi escolher unificar os grupos paramilitares israelenses, em função da formação do Exército de Defesa de Israel (IDF). Um desses grupos, Irgun, era dirigido por Menachem Begin, e este era contrário ao total alinhamento com a IDF. Em um episódio polêmico, conhecido como “Caso Altalena”, Ben Gurion tomou a decisão de bombardear um navio chamado Altalena que chegava em Israel com armamentos para o Irgun e imigrantes judeus. Desses, quase 20 morreram. Ben Gurion justificou sua ação dizendo que não havia espaço para divergências em uma guerra tão complexa.

Begin havia anunciado que chegaria a Israel um navio chamado Altalena com imigrantes, armas e munições que dariam para abastecer dez batalhões. Ele queria que seus homens, lutando em Jerusalém, ficassem com vinte por cento da preciosa carga. Ben Gurion respondeu que tudo deveria ser entregue aos combatentes da nova nação, inclusive as armas que o Irgun ainda mantinha em seu poder, na tentativa de unificar os grupos paramilitares, pois acreditava que era imprescindível a união nacional. Porém, Begin não aceitou e os armamentos começaram a ser descarregados. Um oficial da *Haganá* (força paramilitar, ainda não havia o Tzahal) entregou a Begin um ultimato: ou as armas eram entregues, ou tudo seria confiscado. “O que está acontecendo coloca em perigo nosso esforço de guerra e, mais importante ainda, ameaça a existência do país. Um estado não pode sobreviver sem que o seu exército seja controlado pelo próprio

estado". Diante da recusa, Ben Gurion decidiu usar a força: "Não há jeito. Vamos ter que bombardear o navio".

“INDENIZAÇÕES” PELA SHOÁ - 1952

O Chanceler da Alemanha, Konrad Adenauer ofereceu a Israel uma compensação financeira pela Shoá. Nessa época, o Estado recém formado estava vivendo um período denominado Tzena. Esse período foi marcado por uma forte crise econômica no país, já que Israel havia recebido muitos imigrantes novos. O governo precisou adotar uma política de austeridade econômica, que basicamente racionalizava os produtos oferecidos pelo Estado como alimentação, roupas, móveis, etc.



A oferta feita por parte do Chanceler alemão gerou muito debate entre setores da sociedade israelense, já que alguns alegavam que implicava na quantificação das vidas dos judeus que foram assassinados durante a Shoá. No final, Ben Gurion aceitou a compensação, alegando que o dinheiro recebido correspondia apenas aos bens confiscados durante a Guerra.

#PARA REFLETIR...

- Qual o motivo da polêmica pela aceitação dessa compensação?
- Vocês acham que Ben Gurion deveria ter aceitado o dinheiro? Se sim, por quê?

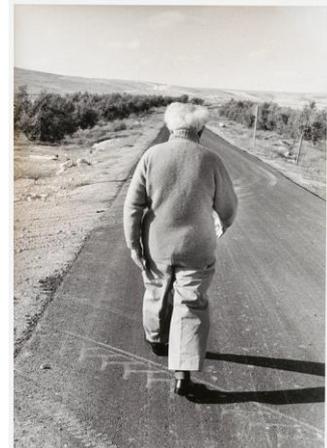
GUERRA DO SINAI – 1956

A Guerra do Sinai ocorreu no segundo mandato de Ben Gurion. Em uma manobra de ataque, o presidente egípcio, Gamal Abdel Nasser, fechou o Estreito de Tiran (local de interesse israelense por ser o ponto de saída dos navios de Eilat) e decidiu fechar o Canal de Suez (propriedade inglesa e francesa). Com a ajuda militar dos dois países europeus envolvidos, Israel venceu a guerra. Ben Gurion mobilizou as forças israelenses, enviando-as ao Sinai. Em cinco dias o exército israelense ocupou a maior parte da península a leste do canal, destruindo bases egípcias e pretendendo abrir uma passagem através do golfo de Aqaba. Um ultimato franco-britânico ordenou o cessar-fogo, mas Ben-Gurion declarou que Israel só retiraria seus homens quando as tropas inglesas e francesas fossem substituídas por uma força da ONU.

Foi decidido que o Canal de Suez se tornaria soberania egípcia, que o Estreito de Tiran permaneceria aberto e Israel sairia da área ocupada no Sinai (e esta seria ocupada pelas forças da ONU).

BEN GURION E O NEGUEV

No sul de Israel, dominando cerca de 60% do território do país, estende-se uma região semi-árida onde, apesar da escassez de recursos hídricos e de solos férteis, surgem modernos centros urbanos e se desenvolve uma das mais avançadas agriculturas do mundo. Segundo Ben Gurion, o Neguev representava o futuro de Israel e era lá que a criatividade israelense encontraria seu maior desafio.



Assim, em 1947 e 1948, quando nos fóruns internacionais as fronteiras dos futuros estados - um judeu e um árabe - estavam sendo discutidas pelos diplomatas, Ben Gurion insistiu para que o Neguev fosse parte da nova nação judaica. Nunca quis abrir mão dessa faixa desértica de terra, pois sabia que a área seria importante para o desenvolvimento do recém-formado Estado de Israel. Ele acreditava que o deserto poderia ser cultivado e transformado em um lugar onde os judeus se poderiam estabelecer e prosperar. Mais de 50 anos depois, sua visão se realizou e o deserto floresceu.

Atualmente, a região possui grandes centros urbanos como Arad, Beersheva, o balneário de Eilat e grandes atrações turísticas, como o Mar Morto e Massada. Possui, ainda, uma das principais universidades do país, que ostenta o nome do ex-Primeiro Ministro - Universidade Ben-Gurion do Neguev, além de importantes instituições de pesquisa agrícola. Uma destas é o Centro de Pesquisas Gilat, que busca soluções às necessidades dos agricultores da região, além de se estar tornando um dos celeiros agrícolas de Israel e berço de inúmeras inovações na área, como o uso de água salobra para o cultivo de tomates, melões e abacates. Durante séculos a área foi habitada apenas por beduínos que, gradativamente, foram trocando seu estilo de vida nômade pelo assentamento em vilarejos.

CURIOSIDADES

- Sua mãe, Sheindel, morreu quando ele tinha onze anos de idade, exatamente no ano em que Theodor Herzl promovia, na Basiléia, o Primeiro Congresso Sionista Mundial;
- Seu pai, Avigdor, advogado e comerciante, já era um sionista;
- Seu nome inicialmente era David Gruen e foi o nome hebraizado para Ben Gurion;
- Conforme assinalou o escritor israelense Amos Oz, sua forma habitual de comunicação se voltava para a batalha verbal em vez do diálogo; mais do que um filósofo era um ponto de exclamação com temperamento vulcânico;

- Um homem com feroz ambição de liderança, extraordinária habilidade política e um senso mais chegado ao sarcasmo do que ao humor;
- Certa ocasião, quando primeiro-ministro, segurou sua equipe no trabalho até tarde da noite. Uma secretária tomou coragem e lhe perguntou: "O senhor nunca descansa?" - "Como descansar, você quer dizer dormir?", respondeu. - "Não, primeiro-ministro, eu me refiro a repousar". - "Eu não entendo. Como é possível alguém ficar sentado olhando para a parede?";
- Ofereceu o cargo de presidente a Einstein em 1952 (mas ele recusou);
- Em junho de 1956, o Mapai, o maior partido de esquerda de Israel na época, do qual Ben Gurion fazia parte, se dividiu, e Ben Gurion criou o Rafi, que ganhou dez cadeiras no Knesset na eleição seguinte. Em 1968, Rafi voltou a se juntar ao Mapai e junto com o Ahdut Ha'avoda, criaram o Partido Trabalhista de Israel (Avodá), enquanto Ben Gurion formou um novo partido, o Hareshima Hamamlachtit, que ganhou quatro cadeiras no Knesset em 1969;
- No campo interno, após cada eleição, Ben Gurion era obrigado a formar um governo de coalizão, mas o MAPAI manteve sua posição de maioria relativa. Em 1959, após a quarta eleição geral, surgiu o escândalo de espionagem conhecido como caso Lavon, envolvendo um secretário do MAPAI, o que levou Ben Gurion a pedir demissão, por não concordar com a posição do partido. Embora Lavon tenha sido demitido e Ben-Gurion tenha voltado ao MAPAI, em 1965 separou-se definitivamente do partido, formando a chapa Rafi.

FONTES

Choveret para Peilim 2018 – Chazit Hanoar Porto Alegre

<https://www.britannica.com/biography/David-Ben-Gurion>

<http://www.conexaoisrael.org/os-judeus-e-o-judaismo-em-israel-parte-12/2013-03-16/joao>

<http://www.morasha.com.br/biografias/ben-gurion.html>

<https://drive.google.com/file/d/1yy-n23GLA5v-dNebbkBm62QnWyNzJNDz/view>

<http://www.morasha.com.br/biografias/ben-gurion.html>

<http://internationallawyerbrazil.com/2017/07/a-lei-do-retorno/>

<http://archive.jewishagency.org/pt/lei-do-retorno>

<https://educacao.uol.com.br/biografias/ben-gurion.jhtm>

<https://pt.ripleybelieves.com/did-you-know-albert-einstein-was-offered-israeli-presidency-4572>

<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/infograficos/mitos-e-curiosidades-sobre-einstein/mitos-e-curiosidades-sobre-einstein-04.htm>

<http://www.morasha.com.br/historia-de-israel/o-deserto-do-neguev.html>

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/198668/000881219.pdf?sequence=1>

Hannah Arendt

“Quanto mais superficial alguém for, mais provável será que ele ceda ao mal. Uma indicação de tal superficialidade é o uso de clichês.”

História da Personagem e Contexto histórico:



Hannah Arendt, originalmente Johanna Arendt, nasceu em Linden na Alemanha em 1906. Filha de Paul Arendt e de Martha Cohn, numa família onde o caráter nacional alemão era tão ou mais importante que o judaico, recebeu uma boa educação devido às boas condições financeiras de sua família. Seu pai era membro do Partido Social-Democrata Alemão, e desde pequena era cercada por uma educação política vinda dos pais. Com 3 anos mudaram-se para a Prússia, e com 7 vivenciou a perda do pai.

Hannah Arendt desde pequena possuía forte engajamento político nos ideais que acreditava. Com 14 anos liderou um boicote contra um professor que havia insultado-a, o que resultou na expulsão da menina da escola. Estudou autonomamente e ingressou na Universidade de Marburg em 1924, onde conheceu o professor Martin Heidegger, que a auxiliava em suas pesquisas. Também se envolveu em um complicado relacionamento amoroso, em que Arendt possuía profunda admiração intelectual pelo professor. Heidegger era filiado ao Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, fundado em 1919 com ideologia de extrema-direita ligada ao Nazismo. A relação dos dois, gerou grandes conflitos na família e amigos de Arendt, o que também intrigou-a levando o fim do relacionamento dos dois.

Em 1930, a filósofa casou-se com o professor de filosofia Gunther Stern. Após três anos, Arendt foi obrigada a refugiar-se com Stern na França em virtude da ascensão do nazismo e do início da perseguição antissemita oficial na Alemanha. A filósofa pertencia à Organização Sionista Alemã, fato que a fez ser presa e interrogada algumas vezes antes de fugir para Paris.

Em 1940, casada com Heinrich Bluecher, resolveu fugir da França, devido a ocupação nazista. Ficou presa em um campo de concentração, e depois de alguns meses conseguiu fugir para Nova Iorque, e reafirmava que era uma **filósofa apátrida** (sem

pátria) o que definiu muito suas obras. Após um cenário de conflito e perseguição, que marcou grande parte de sua filosofia, Arendt lecionou em Universidades e escreveu diversos livros, como: “Às origens do totalitarismo”; “Eichmann em Jerusalém”, “A Condição humana”, “Homens em tempos sombrios”. Um dos momentos mais importantes de sua vida e de sua teoria política, foi em 1961 quando foi enviada para acompanhar o julgamento de Eichmann, e que deu origem ao livro “Eichmann em Jerusalém”, que gerou diversas polêmicas na comunidade judaica, que serão descritas mais pra frente. Uma colocação importante da pensadora, foi a afirmação de não ser mais uma **filósofa**, e sim uma **teórica política**. Ela se pronunciou como se tivesse brigado com a filosofia, que não era mais lugar para ela.

Morreu em 1975 em decorrência de um ataque cardíaco. É até os dias de hoje, uma autora renomadíssima e referência na comunidade acadêmica, em que deixou diversas teorias e pensamentos que marcaram e marcam a história.

As origens do totalitarismo (1951):

Foi uma das primeiras análises sobre o totalitarismo no mundo. Arendt utilizou-se de um olhar filosófico sobre o regime e tornou-se referência acadêmica ao discutir os diversos temas que surgem do totalitarismo.

O livro é dividido em 3 partes para poder aprofundar-se melhor no tema: Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo. Através do estudo do Nazismo de Hitler e Stalinismo de Stalin, regimes que se baseiam no terror e mobilização das massas, Hannah publicou sua obra.

Para Hannah, o totalitarismo é **negação radical das liberdades individuais**. Ela parte do questionamento de como população consente com fim da sua liberdade a ponto de apoiar este regime. O caráter individualista, singular, próprio, perde-se para o suporte e manutenção de um regime radical. Para a filósofa, regimes totalitários criam “Leis da natureza”, que são Leis submetidas à uma conotação de natural, intrínseca ao homem, que justifica a nova ordem estabelecida, a do terror. Por exemplo, a purificação das raças, que era entendida na época do nazismo, como algo normal, que deveria ocorrer.



Eichmann em Jerusalém (1963):

Adolf Eichmann foi um oficial do Regime Nazista responsável por ser o “Arquiteto” da Solução Final. O seu papel foi de planejar a logística do transporte em massa dos judeus dos guetos para os campos de extermínio. Ao final da segunda guerra mundial, Eichmann e sua família conseguiram identidades falsas e se refugiaram em Buenos Aires.

Em 1960, 15 anos após o fim da Shoá, o Mossad (serviço secreto israelense) realizou uma operação com o objetivo de sequestrar Eichmann para levá-lo a Israel. A ideia era julgá-lo em solo israelense e fazer justiça por cinco crimes que ele era acusado, como crimes contra a humanidade e crimes contra o povo judeu. A sociedade israelense clamava por justiça pelas atrocidades que foram cometidas na 2ª Guerra Mundial. Até aquele momento só havia acontecido o Julgamento de Nuremberg⁶ (em que foram feitas acusações a Eichmann) no qual o povo judeu não havia tomado papel de destaque e nenhum dos grandes líderes nazistas teria sido julgado.

Hannah Arendt foi enviada pelo jornal The New Yorker para cobrir o julgamento. Como judia, alemã, escritora do livro “As origens do totalitarismo” e renomada pesquisadora, Hannah era considerada uma boa candidata para cobrir o caso.

O julgamento de Eichmann contou com a presença de 500 jornalistas, mais de 100 testemunhas e 2000 provas protocoladas em 3.500 páginas para sentenciá-lo. Ele ocupava o cargo de chefe da Seção de Assuntos Judeus no Departamento de Segurança de Hitler. Para Hannah todo julgamento parecia uma peça de teatro, um grande espetáculo, como ela mesma descreve. Mas, o que



mais chamou a atenção dela é que Eichmann, um dos maiores criminosos da S.S. não era o monstro esperado: era simplesmente uma pessoa mediana e não um fanático antissemita do qual todos estavam esperando, uma pessoa “nem burra, nem

⁶O julgamento de Nuremberg foi o maior julgamento de Nazistas organizado pelos países vencedores da Segunda Guerra Mundial. Ele foi realizado pelo Tribunal Militar Internacional na cidade de Nuremberg, Alemanha (20 de novembro de 1945 a 1º de outubro de 1946), quando foram decretadas 12 condenações à morte, três prisões perpétuas, e quatro condenações à prisão de 10 a 20 anos.

doutrinada, nem cínica pudesse ser inteiramente capaz de distinguir o certo do errado”, o *arquiteto da solução final* é **uma pessoa normal, um burocrata.**

Eichmann durante todo o julgamento, sempre quando questionado sobre sua culpa, se declarava como inocente. Ele se autodescrevia como um simples burocrata, mais uma peça nessa grande engrenagem. Na sua visão, era o responsável pelo transporte dos judeus de um lugar para outro e não um assassino. **Era um mero funcionário que queria cumprir seu trabalho de maneira satisfatória e sendo assim aceitava às ordens de seu chefe.**

Além da defesa dele, Hannah ficou também intrigada como para todo um país, em um determinado momento da história foi considerado normal “matar”. A Alemanha sofreu um total colapso moral e como num passe de mágica, logo após a finalização da guerra, a ordem voltou a ser estabelecida. Ao se deparar com toda essa situação, Hannah chega em uma conclusão importantíssima, e conceitua o termo **Banalidade do Mal.**

Esta ideia compreende que o Mal não vem do absoluto de pessoas que cedem as suas inclinações maldosas, de gente que não distingue o bem e mal. Mas que o Mal banal pode vir também sem profundidade (sem ser de pessoas propriamente egocêntricas, antissemitas, racistas e etc.). Esse Mal vem de pessoas meramente medianas que não se dão ao trabalho de pensar, deixando de tentar ver pelo lado do outro, com olhar empático. Assim a filósofa distingue a maldade absoluta, da mediocridade de um homem que abdicou de sua humanidade. O “Mal Banal” vem de pessoas que se protegem pelas ordens de seu comandante **e que não possuem falta de imaginação para realizar uma análise crítica sobre elas. Este mal é potencializado dentro do Totalitarismo.**

Hannah **em nenhum momento queria inocentar ou perdoar Eichmann sobre seus crimes**, mas em sua obra visava entender **este crime sem nenhum precedente de um homem incapaz de pensar, livre de qualquer juízo moral, para distinguir o bem e o mal.**

Eichmann foi sentenciado pelos seus crimes e morto por enforcamento em 1 de junho de 1962.

Dilemas da Vida

Sobre o livro Eichmann em Jerusalém a autora recebeu críticas da comunidade judaica por diversos motivos, entre eles:

1. Ao tratar Eichmann como um burocrata medíocre e não como um monstro muitos acusaram-na de defensora dos Nazistas e de tratá-los como inocentes.

2. Ao comentar sobre a colaboração de líderes da comunidade judaica com os nazistas⁷, a autora foi acusada de culpabilização das vítimas. Nesse mesmo contexto, sobreviventes da Shoá em Israel sofriam muito preconceito por não terem resistido ou se sacrificado. Para ela, ainda existiam outras opções a serem tomadas entre resistir (que no momento era impossível) e cooperar.

→ E você? Como enxerga Eichmann em todo cenário da Shoá? Foi ele um criminoso, e um dos culpados pela morte de 6 milhões de judeus? Ou era mais um trabalhador que vitimado na execução de seu trabalho, seguiu ordens, sendo apenas mais um funcionário sem espectro de maldade?

→ Atualmente, essa relação de Banalidade do Mal também ocorre? Se sim, em quais cenários? Como você age dentro dessas situações?

Por que sou uma líder judia?

A filosofia de Hannah Arendt parte de um pressuposto político que também é pessoal pra ela: o judaísmo. Ele é o agente catalisador de seu pensamento. Arendt se entrega à atividade de pensar a questão judaica a partir da sua experiência de ser judia. É uma dualidade complexa pois envolve o enfrentamento aos ataques sofridos pelo seu povo e a compreensão filosófica da própria questão.

Hannah dá seu primeiro passo rumo à política devido a sua condição de SER judia. Ela sentiu-se responsável por fazer alguma coisa para resistir contra a perseguição nazista ao seu povo, passando a agir em colaboração com os movimentos de resistência.

Além disso, acredita que os judeus são iguais politicamente aos outros povos e podem viver sua diferença cultural e religiosa, fazendo parte da pluralidade humana. Também reflete sobre o que é a condição do ser judeu. Em 1960, após uma pausa nos escritos judaicos, volta-se a questão de Eichmann, que tangia diretamente ao povo judeu e a Shoá. Defendeu-se da polêmica e dos tumultos na comunidade judaica, inserindo que o pensamento se expandia para outras circunstâncias e cenários, e não culpabiliza os judeus pelo mal, assim como não defendia nenhum nazista.

Hannah Arendt se definia como **judia**, *feminini generis*, nascida e educada na Alemanha (carácter muito importante em sua identidade), tendo vivido alguns anos na França e, finalmente, se tornou cidadã americana. A sua origem não se desvencilhou de Arendt, já que ela entendia e colocava-se no mundo a partir de uma perspectiva judaica.

⁷Um exemplo dessa suposta “colaboração”: Os nazistas solicitavam que os judeus líderes de um gueto listas produzissem listas sobre quem deveria ser enviado aos campos de trabalho e extermínio. Esses líderes tinham um dilema: sem essa organização, haveria mais caos, porém se eles não fizessem seu trabalho, talvez houvesse menos mortes.

É conhecida como uma das maiores teóricas da humanidade e colocou em pauta assuntos importantes do judaísmo, como o direito à pátria, a liberdade política, religiosa e a Banalidade do Mal. Resistiu ao antisemitismo e a criou conceitos que são estudados e abraçados pela Academia até os dias de hoje. É uma liderança judaica, na filosofia, sociologia e na política. Revolucionou o pensamento, e olhar pro judeu. Sua herança judaica abraçou suas teorias e colocou-a em xeque em muitos momentos. O livro “Escritos Judaicos” de 2007 compila os textos judaicos produzidos por Hannah entre 1930 e 1960. Cercada de polêmicas e aplausos, marca a história política, filosófica, e também, a judaica.

CURIOSIDADES

- De 1933 até 1951 foi apátrida, já que sua cidadania alemã foi revogada pelo governo Nazista. Essa condição só mudou quando recebeu cidadania estadunidense.
- Foi uma criança astuta e esperta. Quando seu pai morreu, possuía 7 anos de idade e tentou acalmar a mãe dizendo: “Pense, isso acontece com muitas mulheres”.
- Cresceu numa família secular, mas tinha proximidade com a vida judaica religiosa. Certa vez disse para mãe que queria se casar com rabino, a mãe respondeu que assim ela não poderia mais comer porco e Hannah retrucou que arranjaria um jeito de comer porco e casar com o rabino.
- Antes de se refugiar da Europa era estudava teologia na universidade alemã mesmo com as barreiras de ser mulher e judia. Em 1929 teve sua publicada sobre o conceito de amor de Santo Agostinho.
- Suas obras passaram para o campo político foi alavancado pela ascensão do nazismo que chegou a levá-la para prisão e posteriormente a fuga ilegalmente do País.
- 2 Filmes foram produzidos sobre a história de Hannah Arendt. O primeiro retrata a Banalidade do Mal: [Hannah Arendt \(2012\) - YOUTUBE](#). O segundo é sobre sequestro de Eichmann: [Operation Finale \(2018\) - NETFLIX](#).
- Uma das citações que mais gosta é de Karl Marx, que faz ampla relação com o conteúdo que transmite em suas obras: “O passado nunca está morto, e nem mesmo é passado”
- Hannah atualmente é muito estudada em diversas áreas das ciências humanas como: Gestão de Políticas Públicas, Filosofia, Sociologia, Ciência Política, Administração e etc.



Olga Benário

Mulher, judia e comunista.



Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo. Prometo-te agora, ao despedir-me, que até o último instante não terão por que se envergonhar de mim. Quero que me entendam bem: preparar-me para a morte não significa que me renda, mas sim saber fazer-lhe frente quando ela chegar. No entanto, podem ainda acontecer tantas coisas... até o último momento manter-me-ei firme e com vontade de viver. Beijo-os pela última vez.

Carta de Olga Benário à seu marido e sua filha. Escrita em fevereiro de 1942, às vésperas de sua deportação ao campo de extermínio de Bernburg.

Contar a história de Olga Benário traz uma série de conflitos interessantes e tentaremos trazer aqui, não somente uma lista de fatos e atos (o que ela fez, onde viveu, sua idade, etc.), mas também as dificuldades que encontramos em construir uma narrativa em torno de uma personagem que, podemos dizer, reunia o que havia de mais "perigoso" para a sociedade de sua época, ser mulher, judia e comunista. Na verdade, como o fim da história de Olga indica, o que havia de perigoso não era ela, mas sim a sociedade em que vivia.

Biografia

Olga Gutmann Benário Prestes nasceu em 1908, na cidade de Munique, importante polo industrial na época e um dos centros políticos da Alemanha. Seu pai, Leo Benário, era um importante jurista na cidade e foi a partir dele que Olga teve seu primeiro contato com as dificuldades dos trabalhadores alemães. Mesmo possuindo uma situação financeira confortável, Leo defendia causas de operários sem cobrar nenhum tipo de pagamento em troca, considerando assim um método efetivo de combater as injustiças sociais de sua cidade. Porém, a relação com sua mãe Eugénie Gutmann Benário já é descrita como um pouco mais conturbada, visto que sua mãe

nunca apoiou as decisões políticas da filha e possuía opiniões contrárias até mesmo do marido.

Olga era uma jovem energética, gostava de ler, esquiar e passear pelos arredores da cidade, mas seu olhar crítico ao mundo, influenciado pelo trabalho do pai, impediram que a jovem se calasse frente às dificuldades que as pessoas de sua cidade estavam enfrentando. E então, no ano de 1923, logo após completar 15 anos, Olga decide se alistar a juventude do partido comunista Alemão.

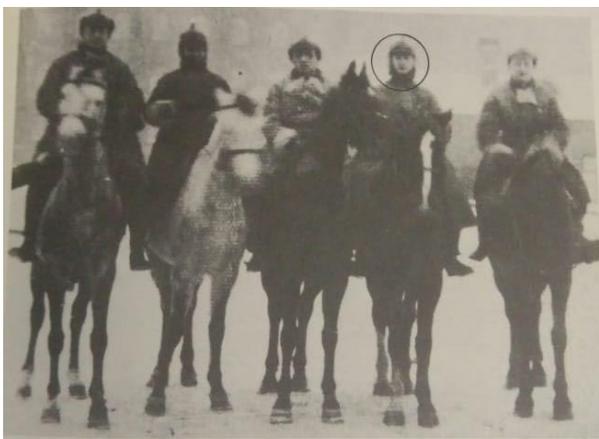
Vale lembrar que a década de 20 do século passado foram os piores anos da economia alemã. Sofrendo consequências terríveis após a derrota da primeira guerra mundial, os alemães tiveram que lidar com uma inflação galopante (o preço dos produtos aumentava diariamente) e taxas de desemprego cada vez maiores. A situação estava cada vez mais difícil para os trabalhadores e a população não sabia à quem recorrer. Para nossa personagem, só havia uma solução para a crise, e girava em torno da conscientização e politização dos trabalhadores.

Olga se destacou nas missões que recebia do partido, sendo reconhecida cada vez mais como uma liderança entre a juventude. Munique passou a ser pequena demais para ela e Olga recebe em 1925 a autorização da juventude comunista para se mudar à Berlim, capital da Alemanha e principal foco de articulação política. Em pouco tempo, Olga já exercia o cargo de secretária de Agitação e Propaganda da juventude comunista de Berlim. Porém conforme sua fama crescia entre seus amigos e aliados, também aumentava entre seus inimigos, e seus inimigos eram poderosos.

Em outubro de 1926, em uma madrugada fria de Berlim, Olga é surpreendida por dois policiais em seu apartamento, que a levaram presa. Foram no total dois meses de encarceramento, onde foi submetida a inúmeros interrogatórios que poderiam se iniciar no amanhecer e terminar somente na madrugada. Os alvos das perguntas eram tanto a estrutura do partido, suas lideranças, seus planos e principalmente, a localização e rotina de outro jovem comunista, Otto Braun, então namorado de Olga. Após sua liberação, Olga descobre que os objetivos dos policiais já haviam sido cumpridos e que agora era a vez de Otto passar por uma pena indefinida de prisão. E foi essa informação que contribuiu para que Olga mudasse sua vida para sempre, ela orquestrou um elaborado plano de resgate que tirou Otto da prisão, mas forçou o casal a fugir da Alemanha, levando-os à União Soviética. A próxima vez que Olga pisasse na Alemanha, seria seu fim.

Na União Soviética, o destaque de nossa personagem aumenta cada vez mais, passando a ser exemplo de empenho após o sucesso do resgate de Otto e começando a receber missões cada vez mais importantes, sendo treinada a agir como espiã. Porém, o aumento de seu envolvimento com os comunistas faz com que seu relacionamento com Otto desande, visto que ele demonstrava um ciúme cada vez maior ao sucesso da

companheira. Olga foi eleita a inúmeros cargos de liderança no partido comunista soviético e foi escolhida para fazer cursos de paraquedismo e pilotagem de aviões (ambas as tarefas restritas aos melhores soldados de um exército). Mas foi em 1934, que ela recebe a missão que mudaria sua vida para sempre.



(Olga circulada, em treinamento da cavalaria do exército vermelho)

Foi concedido a Olga a missão de proteger um líder comunista em seu caminho de volta à casa, onde tentaria criar uma revolução. Esse líder era Luís Carlos Prestes, e seu país de origem era o Brasil. A dupla então percorreu um longo caminho em direção ao país tropical. Mesmo com documentos falsos, os dois eram procurados internacionalmente e tiveram que optar por rotas alternativas para fugir dos radares da polícia europeia. No meio do caminho, os dois acabaram se apaixonando e mesmo antes de chegar ao Brasil, já haviam se casado.

No Brasil, Prestes era reconhecido por ser o líder do movimento tenentista e uma das maiores ameaças ao governo Vargas, que havia instaurado uma ditadura no país, usando moldes parecidos dos governos autoritários europeus. Portanto, a vigilância em torno de Prestes deveria ser constante. O casal contou com muitos apoiadores que, mesmo na ilegalidade, não negavam enxergar em Prestes a figura de um líder nacional. Porém, a apreensão do Estado brasileiro em lidar com uma ameaça comunista era grande, Vargas aumentava anualmente o número de "estrangeiros indesejáveis" deportados aos seus países de origem sobre o argumento de que eles prejudicaram a nação brasileira com subversividades, e o próprio chefe da polícia política, o militar Filinto Müller, estava responsável por investigar o paradeiro do casal Prestes. Em março de 1936, o casal é encontrado por policiais em um bairro do subúrbio



do Rio de Janeiro (na época, capital do Brasil) e levado a prisão, seria a última vez que se encontrariam.

Olga passou cerca de 5 meses na prisão, onde além de enfrentar inúmeros interrogatórios e ver sua imagem ser destruída pela imprensa e governo, teve uma grande descoberta: estava grávida de Prestes. Esta informação, além de deixá-la muito feliz, trazia uma certa segurança, pois segundo a constituição em vigor na época, mulheres estrangeiras que estivessem esperando um filho de pai brasileiro recebiam o direito de tê-lo no Brasil.

Mesmo assim, o futuro de Olga reservava uma calamidade. Em junho de 1936, com 7 meses de gestação, foi decidido pelo governo brasileiro extraditar Olga Benário, que foi levada à Europa pelo navio alemão *La Coruña*. Assim que chegaram na Alemanha, Olga foi transferida para uma prisão feminina em Berlim, onde teve seus cabelos cortados, recebeu um uniforme listrado, e aguardou o nascimento de sua filha, Anita Leocádia Prestes. Foi por muita insistência por parte da mãe de Luís Carlos Prestes que a paternidade de Anita foi reconhecida, evitando que a menina fosse levada a um orfanato nazista, mesmo assim, a separação entre mãe e filha acabou acontecendo.

Após a separação entre as duas, a situação de Olga só piorou. Logo em seguida foi transferida para a fortaleza de Lichtenburg, uma das primeiras prisões nazistas utilizadas especialmente para o controle de judeus, comunistas, inimigos de Estado e outros "indesejáveis". Olga passou cerca de um ano nessa prisão, sendo que boa parte dele alternando entre meses de solitária e dias de interrogatórios, a alternativa que tinha para aguentar o período de cárcere foi trocar cartas com o marido e com sua sogra (mesmo que as cartas fossem censuradas e repreendidas, sendo entregues meses após serem escritas).

Olga não perdeu a esperança em nenhum momento durante o restante de sua vida, que passaria encarcerada, e não era uma esperança de que um dia seria solta, mas sim de que havia lutado pelo que acreditava, por ter construído uma família que se orgulhava e por saber, que ao final, estaria do lado certo da história. Após a estadia em Lichtenburg, Olga foi transferida para o recém construído campo de concentração e trabalho de Ravensbrück, onde realizou trabalho análogo à escravidão em fábricas militares alemãs por cerca de 5 anos.

Em fevereiro de 1942, alguns meses após o exército nazista iniciar o uso das câmaras de gás como *solução final* para o extermínio de seus inimigos, Olga foi escolhida entre um dos primeiros grupos de transição para o campo de extermínio de Bernburg e, mesmo sem saber seu destino, teve 30 minutos para arrumar seus pertences, tempo que utilizou para escrever a carta que abre este capítulo.

Relação com o Judaísmo

Olga Benário possui uma relação diferenciada com o judaísmo, pois mesmo nascida e criada em um lar essencialmente judaico, escolheu se abdicar da vida religiosa, mas o significado de ser judia na primeira metade do século XX não abdicou dela. Olga representava o que de mais ameaçador poderia existir em seus tempos, ela era mulher, judia e comunista. E características como estas que poderiam ser sinônimo de orgulho para alguém que luta por justiça social, acabaram servindo de razão para justificar a sua morte.

Em certo momento, o campo de Ravensbrück chegou a ter cerca de 3000 prisioneiras, sendo em sua grande maioria judias, vindas dos mais variados cantos da Europa e que se relacionavam com o judaísmo das maneiras mais diferentes, mas que estavam ali por compartilhar deste traço identitário que carregamos hoje! Por isso que a história de Olga é importante para nós, porque faz parte da nossa história como povo plural e orgulhoso, e que pode traçar caminhos diversos, mas que estará sempre caminhando.



A primeira foto é de Olga, com 17 anos, em um verão de Munique. A segunda é de Anita, uma foto igual foi entregue a Olga na prisão de Ravensbrück.

Leituras e filmes recomendados

- Olga (filme), dirigido por Jayme Monjardim – 2004
- Olga, biografia organizada por Fernando Morais
- Não olhe nos olhos do inimigo. Coletânea de textos que retratam a vida de Olga Benário e Anne Frank, organizado por Anita Leocadia Prestes (filha de Olga)

